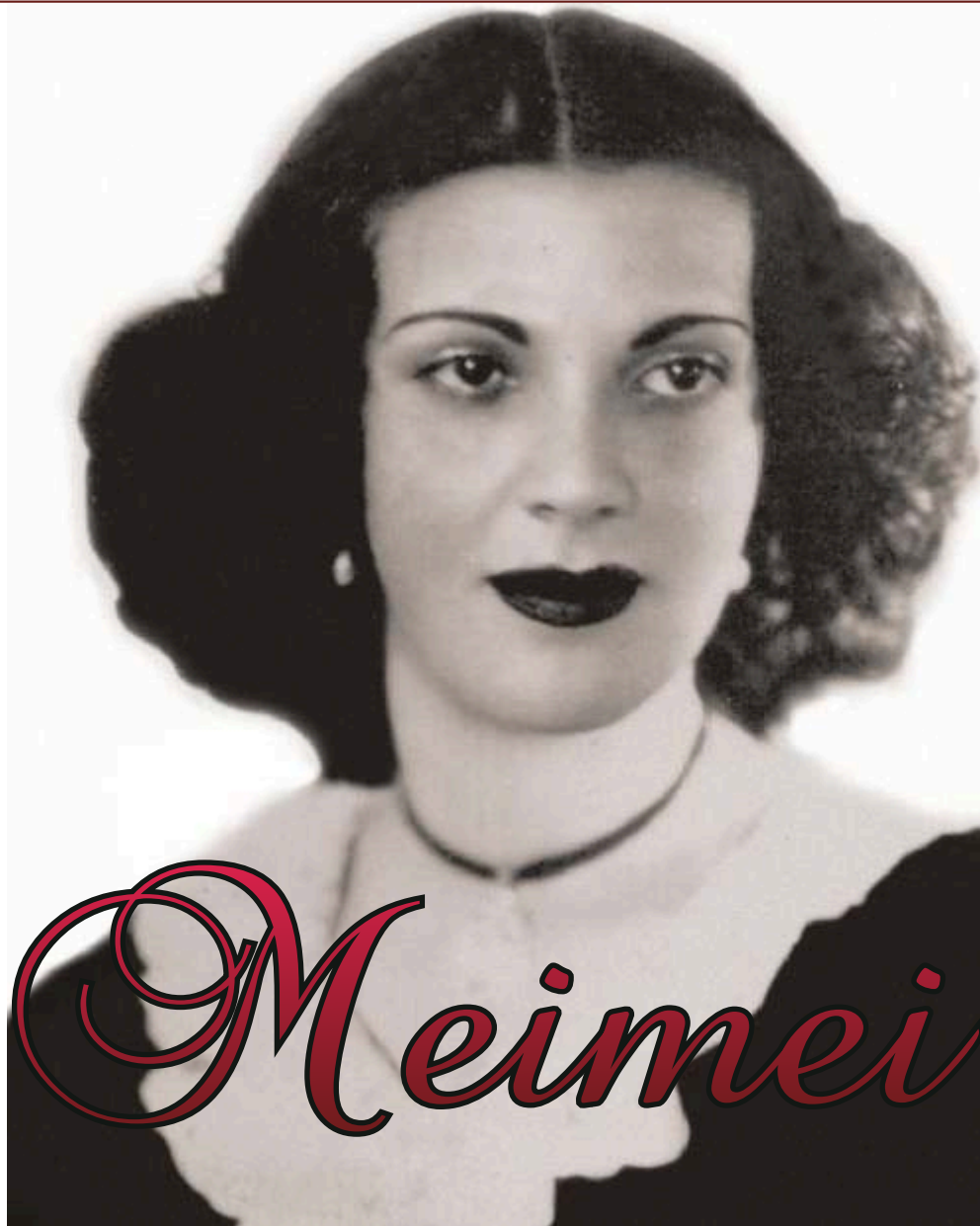


SEAREIRO

Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança" - Ano 7 - nº 60 - Outubro/2006
Distribuição Gratuita



Destaques:

Coleção Relatos do Evangelho

Em "E a Vida Continua..."

Evangelho, a Oração e o Lar

Espírito de um Homem poderá encarnar num Animal?

Crianças

Graças à bondade de Deus, com a ajuda de Jesus e dos nossos amigos espirituais, chega às suas mãos mais uma edição da revista Seareiro.

Esta revista vem se somar a todos os meios que na atualidade esforçam-se para levar a informação séria e verdadeira da Doutrina Espírita, tal como ela foi codificada por Allan Kardec.

Vemos um crescente número de veículos informativos, tais como programas de rádio, televisão, jornais e revistas, como esta, que procuram difundir a mensagem do Cristo, esclarecendo e fortalecendo a fé das pessoas interessadas.

É certo que a Doutrina Espírita não é afeita a multidões. É doutrina que mostra a porta estreita, na qual entramos um a um.

Sempre nos traz satisfação quando lemos um artigo que esclarece com a Verdade do Cristo, e são vários os órgãos de divulgação que primam pela clareza e seriedade, mas sempre devemos ter a cautela que os nossos amigos espirituais nos recomendam, porque junto com o trigo, às vezes, achamos muito joio misturado.

Se o Evangelho nos recomenda que “nem todos os Espíritos vêm de Deus”, nos recomendando testá-los com o nosso raciocínio, no campo da informação religiosa não podemos deixar por menos.

Não é porque uma revista, jornal ou outro meio de comunicação se intitula “Espírita” que vamos acreditando em tudo o que nos passa sem termos o discernimento de estudar e raciocinar sobre o assunto.

Todos têm inteligência suficiente para separar o joio do trigo, basta deixarmos as nossas conveniências e interesses de lado que a verdade aparece.

Levar a informação séria e correta ao maior número de pessoas é acender a fé em corações que se achavam desacreditados para as religiões.

É nesse sentido que nesta edição, como em outras passadas, divulgamos vários livros de valor, como os livros espíritas infantis e infanto-juvenis, para que a leitura do que é bom comece de tenra idade, já preparando para o futuro.

Também valorizamos e sempre que podemos comentamos sobre as obras escritas ou psicografadas por valorosos companheiros, tais como, Francisco Cândido Xavier, Yvonne A. Pereira, Zilda Gama, Roque Jacintho, Adelino da Silveira, Carlos A. Baccelli e tantos outros.

A todos que se propõem a divulgar a Doutrina Espírita na sua pureza e sem fantasias, rogamos a Deus que os fortaleça para que façam chegar aos companheiros de jornada o Caminho, a Verdade e a Vida.

Equipe Seareiro

Publicação Mensal Doutrinária-espírita

Ano VII - nº 60 - Outubro/2006
Órgão divulgador do Núcleo de
Estudos Espíritas Amor e Esperança
CNPJ: 03.880.975/0001-40
CCM: 39.737

Seareiro é uma publicação mensal, destinada a expandir a divulgação da doutrina espírita e manter o intercâmbio entre os interessados em âmbito mundial. Ninguém está autorizado a arrecadar materiais em nosso nome e qualquer título. Conceitos emitidos nos artigos assinados refletem a opinião de seu respectivo autor. Todas as matérias podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Direção e Redação

Rua das Turmalinas, 56 / 58
Jardim Donini
Diadema - SP - Brasil
CEP: 09920-500

Endereço para correspondência

Caixa Postal 42
Diadema - SP
CEP: 09910-970
Tel: (11) 4044-5889 com Eloisa
E-mail: contato@espiritismoeluz.org.br

Conselho Editorial

Ana Daguimar de Paula Amado
Fátima Maria Gambaroni
Geni Maria da Silva
José Roberto Amado
Marcelo Russo Loures
Reinaldo Gimenez
Roberto de Menezes Patrício
Rosângela Neves de Araújo
Rosane de Sá Amado
Ruth Correia Souza Soares
Silvana S.F.X. Gimenez
Vanda Novickas
William Amado
Wilson Adolpho

Jornalista Responsável

Eliana Baptista do Norte
Mtb 27.433

Diagramação e Arte

Reinaldo Gimenez
Silvana S.F.X. Gimenez

Impressão

Van Moorsel, Andrade & Cia Ltda
Rua Souza Caldas, 343 - Brás
São Paulo - SP
CNPJ: 61.089.868/0001-02
Tel.: (11) 6764-5700

Tiragem

12.000 exemplares

ÍNDICE

GRANDES PIONEIROS: Meimei - Pág. 3

TERCEIRA IDADE: Sozinho - Pág. 9

LIVRO EM FOCO: Coleção Relatos do Evangelho - Pág. 10

KARDEC EM ESTUDO: O Espírito de um Homem poderá encarnar num Animal? - Pág. 11

CONTOS: O Coelho Desobediente - Pág. 11

FAMÍLIA: Crianças - Pág. 13

ATUALIDADE: Desemprego - Pág. 13;

Em “E a Vida Continua...” - Pág. 14

CANAL ABERTO: O Senhor e o Sapo - Pág. 15

CANTINHO DO VERSO EM PROSA: De quem seria? - Pág. 16

TEMA LIVRE: O Evangelho, a Oração e o Lar - Pág. 16

CLUBE DO LIVRO: Marta - Pág. 18

SONHOS: Duração do sono para os sonhos e eficácia da prece - Pág. 18

CALENDÁRIO: Outubro - Pág. 19

Meimei

Irma de Castro. Esse é o verdadeiro nome desse espírito de intensa luz conhecida no meio espírita como Meimei.

Filha do casal senhor Adolpho de Castro e de dona Mariana de Castro, veio ao mundo carnal no dia 22 de outubro de 1922, em Matheus Leme, Minas Gerais.

A família de Meimei era composta de sete pessoas. Seu pai Adolpho, que era agente da Estação Central em Matheus Leme, (cidade do interior de Minas Gerais), sua mãe, dona Mariana, e seus irmãos, Ruth, Alaíde, Danilo, Carmem e ela Irma (Meimei).

Viviam felizes e com muita simplicidade. Os irmãos eram muito unidos e saudáveis dentro da religião católica e os pais de Meimei faziam questão que seguissem rigorosamente os ideais da Igreja Católica da cidade.

Tudo corria normalmente para a família, que acompanhava o crescimento e o desembaraço de Meimei, sempre muito bem cuidada pelos irmãos por ser ela a caçula da família e pela sua inteligência que era demonstrada através das conversações e afirmações cabíveis às crianças mais velhas que ela. Mesmo em situações embaraçosas Meimei sempre encontrava uma boa saída e sem constrangimentos.

Quando Meimei completava cinco anos de idade, uma dura prova alcançava a família. O senhor Adolpho após algum tempo acamado fora atingido por sérios problemas infecciosos vindo a desencarnar.

Com esse acontecimento, dona Mariana resolveu mudar-se para Itaúna, cidade onde os filhos mais velhos encontrariam trabalho com mais facilidade.

Apesar da pouca idade, Meimei tudo fazia para alegrar o coração de sua mãezinha. Dizia para consolá-la que o Papai do céu precisava de seu paizinho para fazer o serviço da Estação Central do céu. Isto porque ele sempre soube trabalhar direitinho.

E depois de algum tempo o Papai do céu mandaria o papai Adolpho de volta para a família. Falava isso com tanta confiança que apesar dos irmãos e de sua mãezinha acharem engraçado, acabavam emocionados abraçando a pequena Meimei, pela seriedade que ela demonstrava no olhar.

Dessa forma cresceu Meimei. Encantava a todos com sua beleza física e espiritual, com sua alegria e espontaneidade e com seu desejo de estar sempre presente ao lado das criaturas

sofridas e de crianças abandonadas e doentes.

Desenvolvia o trabalho de assistência na pequenina Igreja de Itaúna. Seu tempo era dividido com os estudos na Escola Normal de Itaúna, os trabalhos na Igreja e o atendimento às famílias carentes dos bairros afastados. E não esquecia de estar sempre presente em seu lar cuidando de sua mãezinha e trocando idéias com seus irmãos sobre todos os assuntos pessoais ou não.

Já estava Meimei cursando o 2º ano da Escola Normal, quando a doença que a perseguia desde os dois anos de idade manifestou-se violentamente. Fora diagnosticado pelos médicos de que seus rins apresentavam um quadro de nefrite aguda, que poderia se tornar crônico ou grave a qualquer momento na vida de Meimei.

Com todo o cuidado prestado pela família a doença parecia estar controlada, porém como os médicos haviam previsto poderia agravar-se repentinamente. E foi o que aconteceu.

Meimei, apesar de todo o brilhantismo com que se desenvolvia no 2º ano Normal, fora obrigada a abandonar o curso faltando pouco para obter o diploma como professora.

Afastada do convívio estudantil pelo tratamento a que fora obrigada a se submeter, mesmo assim seus colegas e professores visitavam-na continuamente, porque Meimei era muito querida e sempre presente pela sua marcante personalidade.

Embora sem poder continuar os estudos ela não se deu por vencida e sua cultura foi se aprimorando cada vez mais através das leituras edificantes que muito colaboraram para ressaltar o seu verdadeiro espírito superior. Por tudo isso a admiração das pessoas ao conhecê-la era evidente. Sua beleza e simplicidade cativavam a todos.

À medida que o tempo passava, o cuidado para que ela se recuperasse mais rápido fez com que Meimei reagisse e, após longo período de repouso, voltou a realizar seu trabalho relacionada às famílias carentes. Porém, sua preferência e ansiedade de voltar ao trabalho era para a creche que funcionava ao lado da Igreja. Essa creche recolhia as crianças desde a tenra idade até aos seis anos para que as mães pudessem trabalhar tranqüilamente.

O retorno de Meimei à Creche Paroquial, foi saudada com muita euforia pelas crianças que a amavam como se



Meimei ocupasse o lugar de suas mães, enquanto ausentes. Isso porque aquela doce criatura tinha dentro de si o instinto maternal, embora tão jovem.

Mas a necessidade da família aumentava a cada dia porque os recursos financeiros eram poucos. Todos trabalhavam, porém, com a doença de Meimei, a mãe e os irmãos de Meimei já haviam gasto todo o pecúlio deixado pelo pai.

Todos trabalhavam, porém, com a doença de Meimei, a mãe e os irmãos de Meimei já haviam gasto todo o pecúlio deixado pelo pai.

Muito atenta à situação difícil dos familiares e conversando com os irmãos e sua mãezinha, resolveu Meimei, junto a idéia de uma de suas irmãs, Alaíde, transferirem-se para Belo Horizonte que, como capital e cidade progressiva, oferecia mais oportunidade de trabalho. Sendo o fato aceito pela família, ela e Alaíde partem rumo a uma nova etapa da vida para ambas, que levavam apenas as saudades dos familiares e amigos.

Com poucos recursos que levaram, Meimei e Alaíde conseguiram fixar residência em Belo Horizonte. Ajudadas por amigos, em breve tempo estavam empregadas. Alaíde como balconista e Meimei como substituta numa escola paroquial.

A vida transcorria calma, pois parecia que com a mudança de cidade a saúde de Meimei estava mais estável.

Numa bela tarde, quando os raios solares começavam a deixar a Terra, Meimei aproveitando o final do dia para passear e conhecer melhor as lojas do centro comercial viu-se barrada em seus passos por um belo jovem, alto de olhos castanhos e farta cabeleira, que, olhando fixamente a jovem, cumprimentou e em seguida buscou-lhe a mão, beijando-a e disse-lhe pausadamente:

— Perdoe-me a ousadia, mas fui alvejado pela sua beleza. Senti Eros atingindo meu coração, diga-me seu nome.

Meimei, surpresa e enternecida, diante do acontecido, sentiu seu coração aos saltos e passado o minuto de indecisão, olhando-o e já admirando seus modos cavalheirescos, respondeu:

— Chamo-me Irma de Castro e você?

— Arnaldo Rocha, ao seu inteiro dispor, formosa gazela.

E como nada acontece por acaso o reencontro entre eles acontecera.

O amor uniu essas criaturas, mas sem a paixão alucinante e sim o reencontro entre duas almas para a continuação de um despertar para tarefas que deveriam ser realizadas, principalmente para Arnaldo Rocha que se dizia ateu convicto, embora tenha recebido a religião por parte da família, principalmente de sua mãe, dona Maria José, que estudava com frequência os livros da Doutrina Espírita. Porém, para ele, Arnaldo, esse processo poderia ser benéfico para doentes mentais ou velhos desiludidos na vida, mas nada lhe significava. Estava cansado de deparar-se sempre com espíritos que se diziam caridosos e piedosos e faziam tudo ao contrário do que pregavam.

Após esse primeiro encontro bem acentuado e abençoado por Deus, veio o segundo e definitivo marco para essas duas vidas.

Era uma bela noite de Natal e combinaram ambos de irem passear no Parque Municipal de Belo Horizonte. E esse

acontecimento deu-se porque Arnaldo era muito amigo do irmão de Meimei, Danilo. Arnaldo só veio saber desse parentesco porque fora convidado por Danilo para comemorarem a passagem do Natal após estar ele, Arnaldo, com seus familiares. E assim foi aceito e grande foi a surpresa de Arnaldo ao ser apresentado a família de Danilo e vir a saber que aquela criatura que ele tanto admirava era Irma (Meimei), irmã de seu melhor amigo.

É preciso que se destaque também que anos depois, Danilo casou-se com Carmelita, irmã de Arnaldo.

E foi o tempo necessário para que Meimei e Arnaldo confirmassem a data matrimonial, para alegria dos familiares, principalmente para Danilo que de há muito considerava Arnaldo como irmão.

Amanheceram o dia 10 de junho de 1942.

O sol irradiava a alegria que pairava no coração de Meimei.

Era o dia de seu casamento!

A Matriz de S. José, em Belo Horizonte, estava toda enfeitada.

As amigas de Meimei haviam preparado tudo. O altar Mor estava engalanado de flores silvestres, as preferidas da noiva.

Todas as crianças das aulas de catequismo aguardavam a entrada da noiva, com seus vestidos brancos de rendas e traziam nas mãos cestinhas enfeitadas de fitas, com pétalas de rosas para serem espalhadas nas cabeças dos noivos a saída de igreja.

Arnaldo, exibindo um bem cuidado terno azul-marinho, com toda a felicidade estampada em seu semblante, fez brilhar intensamente seu olhar a entrada, no portal da igreja, de sua enamorada.

Meimei estava radiante. Em seu simples e elegante vestido de noiva, trazia na cabeça um chapuzinho branco, adornado de flores. Em suas mãos um ramalhete de lírios tão alvos como a pele de Meimei.

Arnaldo, lembrando com muita emoção desse dia, dizia:

— Foi para nós o dia mais significativo de nossas vidas.

Ao dar o braço para conduzir Meimei ao Altar, sentia ser ela daquele minuto em diante a criatura mais bela e carinhosa e eu, sem saber porque, fora escolhido para ser o homem mais feliz do mundo.

Após a bênção dessa união e dos beijos e abraços aos noivos, encaminhavam-se para a saída da nave. Ao chegar no final da escadaria quando Meimei se preparava para jogar o buquê para as moças que aguardavam com ansiedade esse momento, eis que surge um mendigo, um homem aparentando uns 50 anos que arrastava a perna esquerda movimentando-se com muita dificuldade. Estava sujo, de aspecto asqueroso e malcheiroso.

Aproximando-se e chegando bem pertinho do rosto de Meimei, falou baixo com uma voz rouca:

— Noiva linda, perante esta igreja, pelo amor de Deus, me dê uma esmola.

Arnaldo, que pôde ouvi-lo, cochichou ao ouvido de Meimei:

— Por favor, querida, não ligue para esse sujeito. Todos estão esperando que você jogue o buquê e antes ainda teremos de tirar a foto na porta da igreja, com um beijo, que guardaremos como lembrança por esse acontecimento tão feliz!

Meimei com toda ternura de seus belos olhos negros falou docemente:

— Espere um pouco, meu querido. Nada é mais importante nesse momento do que dar atenção a esse pobre ser humano. E soltando-se do braço de Arnaldo e pegando as mãos do mendigo, disse-lhe:

— Perdoe-me, amigo, no momento, como vê, nada tenho para lhe dar a não ser esse belo buquê de lírios, que você poderá vendê-lo e comprar seu alimento. E puxando carinhosamente o mendigo para si, beijou-o carinhosamente no rosto e entregando-lhe o buquê que foi aceito pelo homem de bom grado, despediu-se dizendo-lhe:

— Vai meu amigo, que Deus o protegerá!

Diante desse fato todos os presentes aplaudiram o gesto de Meimei inclusive Arnaldo que a beijou com todo amor.

O casal vivia em um ambiente de muita paz, amor e de uma infinita compreensão. Dizia Arnaldo que seus pensamentos se entrelaçavam, pois quando falavam o assunto era o mesmo.

Para Meimei a felicidade foi mais intensa quando Arnaldo colocou em suas mãos as chaves da primeira casucha, termo que ambos deram para a casa que compraram na rua Mangabeira 56 no bairro de Santo Antonio, em Belo Horizonte.

Possuíam muitos livros. Meimei adorava fazer leitura em voz alta. Arnaldo ficava todo empolgado. Deliciava-se a vê-la interpretar a leitura, principalmente de uma obra traduzida do chinês, de Lyn Yutang. Por esse motivo Meimei passou a chamá-lo de meu Chinesinho ou Miko ou ainda Naldinho.

Por sua vez, Arnaldo lendo um dia uma revista chamada “Momentos de Pequim” traduzida em inglês, viu a matéria de um americano, um escritor, que descrevia uma pequena personagem de seu livro cujo nome ele dera de Meimei, por ser esta uma estória passada na China e lá esse nome significa “amor puro”. Arnaldo passou então a chamar Irma de Meimei por entender que o que ambos sentiam era realmente o amor puro. Portanto, Irma passou a ser conhecida por Meimei após seu casamento e após seu desencarne quando começou a escrever mensagens através do médium Francisco Cândido Xavier.

Mas os apelidos que tinham de um para com outro eram muitos.

Divertiam-se com as situações imaginárias que teciam ao fazerem leituras em conjunto trocando os nomes pelos personagens de cada estória.

A vida parecia correr naturalmente se não fosse pelas constantes dores nos rins de Meimei. Tinha ela desde criança a saúde precária, pois a nefrite que a incomodava era crônica.

Por esse motivo, Meimei não poderia ter filhos. Sua pressão era sempre alta, portanto, com sérios riscos para a gravidez.

Isso deixava Meimei muito abatida. Sua felicidade era mesclada pela falta de não poder ter um filho. Com isso sua imaginação criara um filho. Chamava-o de meu príncipezinho. Cantava e o embalava em seus braços. Por vezes ela chamava a atenção de Arnaldo para não rir e nem falar alto para não acordar o bebê.

Quando saía às ruas, beijava todas as crianças que encontrava e, quando podia, trazia para seu lar as crianças que ela ensinava voluntariamente na Igreja Paroquial.

Arnaldo também se entristecia. Mas todos os cuidados deveriam ser tomados, pois segundo os médicos que cuidavam da saúde de Meimei, uma gravidez poderia levá-la a óbito.

Com todos os problemas renais, vieram mais complicações.

Meimei começou a apresentar fortes dores de garganta. Arnaldo de imediato levou-a ao consultório de um médico amigo da família. Este, mediante o forte quadro de amidalite aguda, aconselhou-a retirada das amídalas o mais rápido possível.

Assim foi feito. Mas, por infelicidade, um pequeno pedaço da amídala ficou e com isto seu organismo passou a apresentar graves infecções e o problema renal agravou-se transformando-se numa glomerulonefrite com perturbações hipertensivas arterial e craniana. Este processo

levava Meimei a isolar-se e ficava quase que diariamente no quarto escuro para diminuir a pressão craniana.

Essa pressão craniana levava ao deslocamento das pupilas e do cristalino e, com o progresso dessa enfermidade, Meimei ia perdendo a visão a cada dia.

Dois dias antes de seu desencarne, Meimei já havia perdido toda a visão. Como a cegueira era evidente, ela pedia a seu querido companheiro Arnaldo que lhe desse as mãos, pois só assim ela conseguia “enxergá-lo”.

Mesmo com dores terríveis, procurava ela passar tranqüilidade para seu esposo. Dizia-lhe:

— Vamos, meu querido, não fique triste, eu sei que você não acredita, mas todas as noites a minha querida vovó Mariana vem conversar comigo. Ela me disse que breve me levará para o reencontro com todos os filhinhos que não puderam nascer. Portanto eu sei que logo estarei livre desse processo doloroso do meu corpo.

Arnaldo deixava as lágrimas correrem pelo seu rosto e pensava:

— Como uma criatura como esta, tão resignada, tão



Meimei, antes da enfermidade, após um ano de casada. Praça Raul Soares, Belo Horizonte, MG, por volta de 1945/46.

humilde e tão paciente pode sofrer assim?

E continuava interiormente bradando:

— Onde está esse Deus que ela tanto ama?

Meimei parecendo ouvir-lhe os pensamentos dizia:

— Não se revolte contra nosso Pai Eterno, meu tesouro, ele sabe o que é melhor para cada um de seus filhos. Por certo esta prova servirá para melhorar minha alma no futuro.

Foram três longos meses de grande sofrimento para Meimei. Até chegar a cegueira total, os tratamentos médicos se tornaram intensos. Exames contínuos de sangue, punções na medula espinhal etc., tudo em vão.

E na noite de 30 de setembro de 1946, Arnaldo chegando do trabalho como fazia todas as noites, foi de imediato para o quarto. Era costume ir de encontro a esposa beijá-la e arrumar-lhe o banho. Pois Meimei não admitia outra pessoa, tinha que ser seu amado.

Mas, nessa noite, assim que ele abriu a porta do quarto, deparou-se com Meimei toda bonita, enfeitada com uma corrente a adornar-lhe o pescoço com um camafeu, aliás, presente que Arnaldo dera a ela no dia do casamento. A camisola de renda mostrava a pele muito alva de Meimei. E assim que Arnaldo postou-se a sua frente, fez ela menção de levantar, mas sem forças voltou a deitar-se e falou:

— Sabe, tesouro, vovó Mariana esteve aqui e disse-me que virá buscar-me pela madrugada. Disse-me ainda que iremos para um belo local de repouso e depois ela irá levar-me para reencontrar as crianças que eu tanto amo.

Arnaldo ouviu e achou aquilo tudo muito estranho. Como sempre, a febre era um tanto alta à noite e ele achou que seria alucinação ou delírio e beijando-a falou:

— Já que a senhora está toda perfumada e tranqüila irei então banhar-me para logo em seguida trazer seu jantar. Mas diga-me antes, quem lhe deu banho, por acaso foi sua irmã Ruth?

— Sim, disse Meimei, ela passou aqui para ver-me e como eu queria adiantar tudo para esperar a vovó Mariana, ela fez-nos esse favor embora dizendo que você talvez ficasse aborrecido, mas eu lhe disse o motivo e ela pediu-me para que você compreendesse.

— Logicamente, diz Arnaldo. Afinal foi o seu desejo e devo respeitar.

Eram mais ou menos duas horas da madrugada quando Arnaldo acordou com um ruído estranho. Era um ronco horrível vindo do lado de sua esposa. Imediatamente Arnaldo acende as luzes e ficou petrificado com o que vê. Meimei soltava golfadas de sangue pela boca. De imediato ele pega-a em seus braços e é então que nota a camisola toda rasgada. Ele entende que talvez na aflição ela tentou chamá-lo mas não conseguiu. Sua respiração estava ofegante.

Arnaldo ergue-a em seus braços tentando fazer-lhe voltar as forças. Beija-a com sofreguidão e começa a pedir socorro. Os parentes próximos como irmãos de ambas as partes costumavam revesarem-se passando as noites com eles para ajudar como naquela fatídica noite. Ruth, irmã de Meimei e seu irmão Danilo correram ao ouvir o chamado de Arnaldo e buscaram telefonar para o Dr. Paulo, assistente de Meimei, mas não houve tempo para tanto, Meimei abriu os olhos embevecidos procurando o rosto de seu amado tentando senti-lo, mas suas mãos se soltaram e num profundo suspiro o ronco cessou e vagarosamente a respiração também.

Foi o pior momento na vida de Arnaldo. Naquele instante

parecia-lhe ter desabado o teto em sua cabeça. Não sabia descrever o que sentia. Sabia apenas que ao recobrar a consciência estava sendo atendido pelo médico de Meimei.

Arnaldo não guardou os acontecimentos no velório, pois pouco pôde acompanhar. Meimei foi sepultada no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte. Mas passado esse triste episódio dizia que se possível apagaria de sua memória para só reter em suas lembranças a linda imagem de sua Meimei. Por esse motivo houve muitas divergências com a família de Meimei, pois Arnaldo mandou que colocassem apenas uma cruz na sepultura simples, com o nome e a data do nascimento e morte de Meimei.

Ele nunca se preocupou em saber onde estava a sepultura de Meimei, pois informava que o dinheiro que seria gasto em mausoléu seria destinado aos pobres, principalmente em alimentos para as crianças que eram a paixão de Meimei, pois assim ela ficaria mais feliz. E isso foi feito.

No mesmo dia do sepultamento de sua querida Meimei, Arnaldo, conduzido por sua mãezinha, voltou ao lar materno. Após uma semana voltou a rever seu antigo ninho ou a “casucha”, como dizia Meimei, para desfazer e entregar o que era de Meimei a sua mãe dona Mariana.

Tudo era muito triste, a casa vazia sem o meigo encanto de Meimei. Dizia Arnaldo que lhe parecia ouvir a suave entonação de voz, quando ela relembra cantarolando os versos de Castro Alves “teus olhos são negros, negros como as noites sem luar...”.

Distribuindo o restante que sobrara para outras pessoas, Arnaldo ficou apenas com um anel que dera a Meimei por ocasião do noivado. Esse anel hoje está com dona Neuza a atual esposa de Arnaldo. Ela sabe que esse anel pertencera a Meimei, porém, tem-lhe muito carinho.

Em outubro, mais precisamente no dia 13, chovia torrencialmente, era uma quarta-feira de noite gelada. Arnaldo recebe um telefonema de seu irmão Geraldo Benício Rocha que pedia-lhe que viesse com urgência a sua casa. Arnaldo quis saber se não era dia de reunião espírita, pois seu irmão, assim como sua mãe dona Maria José de São Domingos Ramalho Rocha, professava a religião espírita.

Arnaldo, meio desconfiado, não queria ir, mas por insistência de Geraldo acabou cedendo.

Ao chegar viu que havia mais ou menos umas oito pessoas em volta da mesa que continha livros e alguns papéis. Teve vontade de voltar, pois via que se tratava de uma reunião espírita ao qual era totalmente contrário. Dizia-se ateu e acreditar em espírito então era uma baboseira. Mas o temporal e a noite fria fizeram com que o convite do mano persistisse e ele acabou ficando.

Reconhecendo apenas dona Eny Fassanelo, velha amiga da família e sua cunhada Luíza, Arnaldo achou-se um pouco fora de ambiente, pois nunca vira os outros. O fato, porém, é que dona Eny o fez ficar mais à vontade, apresentando entre os outros uma senhora que, pegando as mãos de Arnaldo, contou-lhe fatos íntimos de sua vida com Meimei, inclusive um apelido que davam a Meimei de Nana, que era usado só pelos familiares e por ele Arnaldo. Com tantos detalhes que ela lhe fornecera de conhecimento só dele e de Meimei, Arnaldo ficou sem palavras. Outra pessoa presente a reunião descreveu-lhe de como Meimei fora enterrada, que por sugestão de sua irmã Filute, fora vestida com roupagens de Nossa Senhora das Dores. E ainda mais, disse-lhe essa

pessoa, que poucos dias de ter-se agravado a doença de Meimei, fora ela acometida de fortes dores de um dente incisivo que, ao sofrer uma apicectomia (infecção na raiz do dente) no lado do maxilar esquerdo parte inferior, por acidente o dentista quebrou-lhe a parte superior do dente.

Esse fato era de conhecimento dele, Arnaldo, Meimei e o dentista, ninguém mais sabia, pois o estado físico de Meimei a cada dia se agravava e esse episódio do dente ficara sem muita atenção. Quem lhe teria posto a par desse ocorrido? Arnaldo mais uma vez ficou pasmo.

Mas essa senhora ainda lhe dizia (naturalmente intuindo-a, Meimei continuava a transmitir seus pensamentos):

— Naldinho (era assim que Meimei lhe chamava) não permita que a tristeza tome conta de sua vida, você voltará a se casar, a própria Meimei buscará alguém que o ajudará a vencer os percalços reencarnatórios, por muitos processos do passado, a que vocês estão ligados, para resgatar várias coisas.

Arnaldo começou achar que sua cunhada Luiza, tivera longas conversas com essas pessoas a respeito de sua vida com Meimei. Porém, isso não era verdade. Era apenas a não aceitação de Arnaldo com os problemas religiosos os quais não fazia questão de estudar.

Arnaldo ao final da noite, voltou a casa de sua mãe. Estava exausto. Sua mente fervilhava. Vira seu irmão falar de forma tão diferente e tocante (ele estava sob o domínio mediúnico), tivera provas de que Meimei ali estivera, pois ninguém falava a palavra “rialmente” como ela o fazia. Estava atônito.

Dona Maria José, sua mãezinha, vendo-o tão abatido e confuso entrega-lhe um exemplar de “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec e insiste para que o leia. Varou a noite lendo-o e pouco entendera da leitura, era muito estranho para ele que era indiferente para com a Doutrina.

Mas tecendo comentários com seu irmão Orlando, este deu-lhe, para que pudesse entender melhor a Doutrina, o livro de Léon Dinis “O Problema do Ser, do Destino e da Dor” e tudo começou a se clarear em sua mente. Ficou abismado com tantas provas da vida em suas múltiplas faces. Mas continuava a não acreditar em Deus.

No mês seguinte, isto é, em novembro, Arnaldo acompanhado de seu irmão Orlando, seguia pela Avenida Santos Dumont em Belo Horizonte, quando seu mano chama sua atenção.

— Veja, Arnaldo aquele senhor vestido modestamente trazendo uma pequena mala é o famoso médium Francisco Cândido Xavier!

Arnaldo olhou sem nenhum entusiasmo enquanto que Orlando seguindo um pouco a frente dizia-lhe:

— Venha rápido, vamos alcançá-lo, será tão bom se conseguirmos um dedo de prosa com ele!

Alcançando-o, Orlando, apresentou-se e falou da alegria em encontrá-lo. Arnaldo estava mais afastado não compartilhando com o irmão que segundo ele falava por todos os poros do corpo.

Chico compartilhava com esse encontro, mas vendo Arnaldo meio distante falou:

— Ora, jovem, este não é o nosso Arnaldo? Mas está triste, magro e cheio de saudades da sua querida Meimei!

Arnaldo ficou perplexo! O mano nada havia dito a respeito nem dele e muito menos da sua tristeza por não ter mais a sua Meimei.

Aproximando-se de Arnaldo e com toda meiguice que sempre lhe foi peculiar, Chico disse-lhe:

— Vamos, meu filho, deixe-me ver o retrato de Meimei que está guardado em sua carteira.

Muito assustado, Arnaldo retira a carteira do bolso e mostra-lhe.

Antes de qualquer reação por parte de Chico, Orlando convida-o para os acompanhar, pois iriam a Papelaria do mano Geraldo. Após os abraços, Geraldo o convidou para irem a sua casa, pois estava também esfuziante com a presença de Chico, vendo-o pessoalmente.

Muito foi conversado, mas o suspense em torno de Meimei deixou Arnaldo ansioso e curioso, mas só mesmo na reunião da noite na qual Chico participou é que o assunto Meimei voltou.

Após preces e leitura do Evangelho, manifestou-se pelo seu irmão Geraldo uma entidade querida para eles, chamada Dalva de Assis.

Chico então através da psicofonia recebe o espírito carinhoso de Meimei.

Meimei, através da psicofonia de Chico, conversou por mais de uma hora com seu querido esposo.

Por essa época, Arnaldo, já se interessava pelas obras doutrinárias e estava lendo o livro de André Luiz “Nosso Lar”. Num dado momento da conversa, Meimei, disse-lhe:

— Sabe, meu Sozinho (esse era o modo de trato meigo com que Meimei se dirigia ao esposo) estou pedindo a permissão de Deus, que se possível em futuro próximo possa eu ter uma casucha (casa) para receber você e aqueles que Jesus permitir, venha a fazer parte do nosso Núcleo de trabalho, que seja idêntico ao “Nosso Lar”. Dizia-lhe também para que continuasse a estudar, pois só assim através das bênçãos de trabalho edificante é que seria permitido permanecerem juntos. Pedia-lhe para que fortificasse a fé em seu coração e procurasse sem dúvida alguma exercer o trabalho doutrinário, por menor que fosse, pois dessa forma seus horizontes seriam ampliados e que o encontro com as elucidações a respeito da existência de Deus estava em suas mãos, para fortalecê-lo.

As lágrimas desciam pelo rosto de Arnaldo. Podia agora constatar que Meimei estava ali, ajudando-o a vencer a



À esquerda, Francisco Cândido Xavier acompanhado de Arnaldo Rocha.

escuridão que teimava em tomar conta de seu coração. E ela, através da mediunidade de Chico, continuava:

— Meu querido, Sozinho, tenho algo ainda a lhe pedir. Perdoe-me por não ter podido lhe dar um filho. Você sabe o quanto isso me deixou frustrada, mas Deus em sua misericórdia infinita, permitiu-me realizar esse sonho aqui, no mundo espiritual. Sabe como, meu querido Miko (outro apelido carinhoso de Meimei a Arnaldo)? Eu e a vovozinha Mariana habitamos numa casa muito grande poderia dizer, como um antigo castelo, que oferece amparo e abrigo para mais de oitenta crianças. Esse abrigo tem o nome de “Lar da Bênção”. Está próximo ao “Nosso Lar”, outra Instituição Espiritual. Aqui, meu amado Miko, meu nome é Blandina, pois em reencarnações passadas, esse era o meu nome, achamos por bem conservá-lo. (O Lar da Bênção está descrito no livro “Entre a Terra e o Céu” de André Luiz e Ave Cristo de Emmanuel, ambos psicografados pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

Na continuidade da mensagem psicofônica, Meimei conta da alegria em poder trabalhar, orientando as crianças, fornecendo a elas a fé para a renovação da vida em futuros próximos.

Embora a emoção presente não só em Arnaldo como para todos os presentes, ele ainda duvidava e pensava:

— Como acreditar? Como aceitar a tudo o que ouvi?

Após o término da reunião, Chico dirigiu-se a Arnaldo, respondendo suas indagações:

— Só o trabalho, meu filho. Só a persistência em fazer o Bem em nome de Jesus, é que nos fará mudar de opinião.

Com o passar do tempo, e as várias comunicações de Meimei, através da mediunidade de Chico Xavier, Arnaldo passou a freqüentar a cidade de Pedro Leopoldo assiduamente. Convenceu-se vagarosamente a aceitar a reencarnação e a existência de Deus. Começava a raciocinar sobre as conversações com sua querida Meimei, onde ela constantemente o alertava para o trabalho.

Sendo mais presente às reuniões, fez com que Chico chamasse a sua atenção às pessoas que vinham a Pedro Leopoldo buscar alívio e conhecimento do Evangelho, para poderem continuar a suportar as investidas da vida.

Arnaldo agora, já mais consciente dos fatos espirituais, entendia das dificuldades dos relacionamentos familiares ou não, as problemáticas obsessivas e todos os atritos referentes aos seres humanos.

Emmanuel, pela psicofonia de Chico, o alertava para que tomasse a frente da continuidade das tarefas doutrinárias que ficaram um tanto quanto abaladas, pelo falecimento do irmão de Chico, o senhor José Xavier, médium também e muito dedicado às tarefas. Fora sugerido por Emmanuel, que Arnaldo recompusesse o Centro Luiz Gonzaga, pois esse funcionava em casa do senhor José. O local estava inadequado para as caravanas que já tinham começado a ir de encontro ao Chico.

Por fim, Arnaldo aceitou o pedido de Emmanuel. Ele evitava a idéia por achar-se incapacitado para tamanha responsabilidade, mas, vendo Chico arcar com tudo, resolveu aceitar e quis refazer o grupo no mesmo local. Teve a idéia de chamá-lo “Lar de José”, mas todos os integrantes do agrupamento inclusive Chico, opinaram que o nome deveria ser “Centro Espírita Meimei”. E assim ficou até hoje, porém, com a compra do terreno, o imóvel teve algumas

paredes erguidas, mas toda a simplicidade ficou, como o desejo de Chico, para que o serviço de Jesus não sofresse alterações aos que viesse buscar o conforto espiritual e não o material.

Emmanuel, sempre exigente no que se refere à Doutrina, fez-nos comparecer às reuniões psicofônicas, para podermos ajudar a trazer ao mundo físico, o livro “Instruções Psicofônicas”. Para isso, muitas foram as orientações dadas por esse emérito espírito, para que procurássemos estudar profundamente a todas as comunicações, para que estas também pudessem servir de amparo aos grupos que se dedicassem a trazer a Verdade do mundo espiritual, sem fantasias e rebuscados.

Meimei também se fazia presente a essas reuniões e contava a Arnaldo de seus afazeres junto às crianças. Dizia do amparo que recebera e continuava recebendo do Dr. Cornélio Milruard (amigo espiritual que deu-lhe muitas instruções no serviço de enfermagem cristã), pois além das crianças, dizia Meimei, é grande o número de enfermos encarnados e desencarnados, aos quais o critério de atendimento deverá ser sempre acompanhado da dedicação que estamos aprendendo sob a orientação de Frei Pedro de Alcântara - o Quinto Varro, personagem do livro “Ave Cristo”, numa de suas reencarnações redentoras.

Especialmente no dia 21-10-1951, Arnaldo, como sempre recebendo cartas enviadas pela mediunidade de Chico Xavier, ficou profundamente emocionado porque nesse dia ele e os companheiros dedicados às tarefas doutrinárias haviam iniciado no Centro Espírita “Luz e Humildade”, em Belo Horizonte, o “Grupo Crianças de Jesus”, com aulas de Moral Cristã, reunindo grupos de crianças nas faixas de 5 a 10 anos de idade. Esse era o grande motivo de Meimei tornar essa carta especial para Arnaldo.

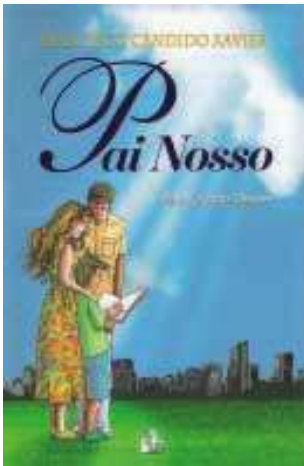
Meimei dizia em um trecho de sua missiva:

— Dilatemos quanto nos seja possível o domínio da tarefa que hoje começamos. Você, Naldinho, não podia me oferecer um presente mais sublime que esse de hoje. Tive a idéia de que as paredes de alvenaria da “Luz e Humildade” se rasgavam, de alto a baixo, na inesquecível manhã deste domingo e que nós dois, em companhia de nossos amigos queridos, havíamos alcançado o nosso verdadeiro lar. Lar de nossas almas e dos filhinhos abençoados de nossos corações. Meu entusiasmo é grande e espero que possamos continuar no mesmo deslumbramento, dedicados ao nosso divino ideal. O Evangelho é o nosso eterno domicílio e o amor é o nosso alimento constante.” (Trecho do livro “Meimei, Vida e Mensagem”)

Disse-nos, carinhosamente, seu companheiro Arnaldo que Meimei está sempre presente em todas as tarefas redentoras. Seu coração maternal não lhe permitiu voltar à Terra como era seu desejo. Mas, aconselhada pelo espírito Emmanuel que lhe dissera da responsabilidade que tinha ela no amparo às crianças e às mulheres, conquistado pelo seu enorme coração em saber amar e consolar, era preferível continuar na espiritualidade, onde seu trabalho poderia continuar sem intervenções dos problemas reencarnatórios. E atendendo a essa orientação, nossa Meimei continua até hoje no plano espiritual, como Mãe abnegada e sempre pronta a socorrer a todos que lhe pedem ajuda e amparo, entre encarnados e desencarnados.

Suas mensagens aí estão juntamente com seus livros,

pela psicografia de Chico Xavier:



Livro "Pai Nosso"

"Pai Nosso", onde ela procura sintetizar a beleza dessa prece para as crianças. Esse livro deveria ser usado sempre nas aulas de "Moral Cristã".

"Palavras do Coração"; "Cartilha do Bem"; "Evangelho em Casa"; "Deus Aguarda"; "Meimei, Vida e Mensagem"; "Amizade".

Muitos são os livros de "Espíritos Diversos", que Meimei se faz presente com belas mensagens como: "Mãe"; "Aulas da Vida".

"Os Dois Maiores Amores"; "Entre a Terra e o Céu", onde Meimei trabalha com o nome de Blandina, no "Lar da Bênção". Aliás um belo capítulo do livro pelo espírito de André Luiz. Praticamente são dois capítulos onde é descrito o "Lar da Bênção", qualificando sobremaneira as tarefas exercidas por Meimei, isto é, Blandina - Capítulo IX (No Lar da Bênção) e Capítulo X (Preciosa Conversação).

E no livro "Ave Cristo" pelo espírito de Emmanuel, Meimei novamente está presente, reencarnada com o nome de Blandina, filha de Taciano (Araldo Rocha, esposo de Meimei) nascida em 243 d.c. Esta descrição citada está na 2ª parte desse belo romance, no 1º capítulo.

Meimei está presente em muitas mensagens elucidativas no livro "Instruções Psicofônicas", por ser também ela, encarregada pelo plano espiritual do "Grupo Meimei", a incumbência de assistir as tarefas, ali realizadas em amparo aos necessitados desencarnados em processos obsessivos.

No 2º capítulo desse mesmo livro, Meimei escreve uma bela página intitulada "Em Busca do Mestre". Mensagem esta passada pelo médium Chico Xavier, na noite de 18 de março de 1954, encerrando os trabalhos da desobsessão.

Procuraremos encerrar esta humilde matéria perante um espírito tão valoroso e repleto de exemplos dignos com o final dessa mensagem "Em busca do Mestre" por falar tão de perto ao nosso coração, pelas nossas angústias e descontroles, mas após todas as caminhadas infrutíferas essa alma descrita por Meimei, aprendeu a amar, a tolerar e se engrandeceu. E ela termina com essas palavras:

"Viu Jesus, com todo o esplendor de sua beleza, no espelho da própria mente, no entanto, não dispunha de palavras para transmitir aos outros qualquer notícia do divino milagre..."

Sabia tão-somente que transportava no coração as estrelas da alegria e os tesouros do Amor."

Meimei

Eloisa

Bibliografia

- Meimei, Vida e Mensagem - Araldo Rocha, Alberto de Souza Rocha, Wallace Leal V. Rodrigues e psicografia de Francisco Cândido Xavier - O Clarim - 3ª edição - 2001
- Assuntos cedidos por Araldo Rocha
- Entre a Terra e o Céu - Francisco Cândido Xavier / André Luiz FEB - 5ª edição - 1972
- Ave Cristo - Francisco Cândido Xavier / Emmanuel - FEB - 13ª edição - 1994
- Mãe - Antologia Mediúcnica - Francisco Cândido Xavier / Espíritos Diversos - O Clarim - 7ª edição - 1995
- Instruções Psicofônicas - Francisco Cândido Xavier / Espíritos Diversos FEB - 3ª edição - 1974
- Imagens: livro "Meimei, Vida e Mensagem"

Terceira Idade

TERCEIRA IDADE

Sozinha

Hoje as pessoas da terceira idade vivem uma época diferente daquela em que viveram quando moços. Sabemos que não é fácil conviver com tudo isso, pois os jovens de hoje dificilmente respeitam o idoso, faltando-lhe com a atenção e principalmente o amor.

E a prova disso é a quantidade de asilos e as casas de repouso que estão sempre cheias de pessoas quase abandonadas, cujos familiares pouco os visitam, pois alegam falta de tempo.

Assim, vivem sozinhos e abandonados. Muitos perdem a esperança e a fé em Deus, muitos até dizem que Deus os abandonou.

Aos idosos gostaríamos de dizer que todas nossas dificuldades devemos ver como um aprendizado e que a nossa felicidade poderá ser encontrada na Pátria Espiritual. Se soubermos suportar as dores física ou moral com resignação, voltaremos a nossa verdadeira Pátria com alguma coisa a nosso favor.

Quem vive a terceira idade, quanto bem já praticou em benefício dos nossos companheiros de caminhada? Quantas palavras confortadoras já foram ditas a um amigo em desespero?

É por tudo isso que devemos agradecer a Deus, por estarmos na condição de poder ajudar. É o momento de agradecer a Deus pelos longos anos de vida que nos foram dados nessa grande escola que é a Terra. Agradecer pelas oportunidades, pelo muito que aprendemos e pelo pouco que ensinamos. Porque a idade nunca nos deixa incapaz, ao contrário, a idade nos deixa com mais vontade de trabalhar em benefício da felicidade do nosso próximo, pois o tempo livre que temos é o suficiente para poder realizar alguns trabalhos na Seara do Cristo, trabalho esse que nos deixa felizes, porque sabemos que Deus nosso Pai Maior está sempre a nos amparar e jamais nos abandonará deixando-nos sozinhos.

Geni

Coleção Relatos do Evangelho

Roque Jacintho - Editora Luz no Lar

Esta belíssima coleção infanto-juvenil espírita é composta por 11 títulos.

Roque Jacintho, para atingir o público infanto-juvenil e transmitir os Relatos do Evangelho do Mestre Jesus, utilizou linguagem simples, de fácil entendimento e várias ilustrações.

Esta coleção faz com que os nossos jovens tomem contato com uma época de grande importância e pouco divulgada na atualidade. Tem como princípio ajustar as mentes e os corações desse público, fazendo assim a semeadura em um terreno virgem e fértil, que é a infância/adolescência. Aproveitando, desta forma, a atual reencarnação, para no futuro colher bons frutos.

Cabe a nós, pais e responsáveis, incentivar a leitura de obras edificantes principalmente na tenra idade.

Em cada título, nos são mostrados em seu conteúdo verdadeiros exemplos de atitudes, fé, esperança, humildade, renúncia, transformação e força de vontade.

Com estes esforços podemos sim, evoluir, apesar de nossas fraquezas, como orgulho, egoísmo, vaidade, apego ao poder, as coisas materiais, a beleza externa, as nossas “desculpas” etc.

Exemplos de Simão Pedro, João, Maria de Nazaré, Maria de Magdala e tantos outros nos alertam e mostram que as dificuldades passadas por esses espíritos foram muito maiores do que podemos imaginar e que eles se apoiaram nos exemplos vivos de Jesus de Nazaré que jamais nos abandona e que sempre está com os braços estendidos para cada um de nós e na maioria das vezes a nos carregar.

Sempre é possível mudarmos para melhor, seguindo os ensinamentos e exemplos do Mestre maior Jesus e dos bons espíritos, para que possamos no futuro retornar ao Reino do Pai.

Família Amado e Silvana



A Serviço de Jesus
66 páginas



Efraim, o coxo
68 páginas



Judas Iscariotes
142 Páginas



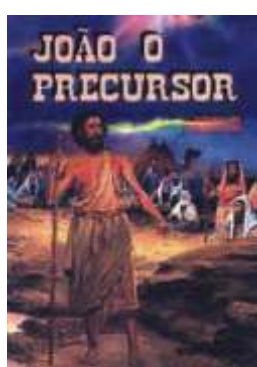
Maria de Magdala
220 Páginas



Lázaro, volta à vida
112 Páginas



João, o Evangelista
292 Páginas



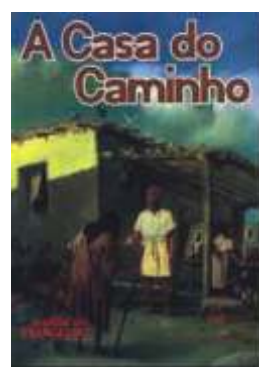
João, o precursor
203 Páginas



Maria de Nazaré
277 Páginas



Simão Pedro e Jesus
214 Páginas



A Casa do Caminho
177 Páginas



Cornélio, o Romano
Cristão - 118 Páginas

O espírito de um homem poderia encarnar num animal?

Livro dos Espíritos - Questão 612: “O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar num animal?”
Resposta: “Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua fonte.”

Há séculos convivemos com essa dúvida. A idéia de metempsicose, ou seja, o crescimento da alma, daria a oportunidade da transmigração de um espírito inferior a um superior, transformando-lhe a forma, e colocaria por terra o crescimento espiritual e eterno de cada ser, visto que deixaríamos de existir para existir em outra espécie. É verdade que em condições superiores. Parece complicado, no entanto, seria como se um abacateiro pelo seu crescimento espiritual, passasse a ser uma parreira por suas qualidades superiores, se assim as tivesse.

Como nos esclarece Kardec, a condição de animal não os faz inferiores, no entanto Deus agregou à alma humana algo que o diferenciaria, o “sentimento intuitivo”, obrigando-o à criatividade, para sua sobrevivência, tendo ainda a capacidade de pensar e conhecer a Deus. Apesar de muitas vezes, por nossas imperfeições, nos igualarmos aos animais. Estes, por sua vez, pela limitação de sua inteligência, sobrevivendo apenas por instintos de sobrevivência, a natureza tudo lhes provêem.

“Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo absoluto”.

Sabemos que alguns animais tomam atitudes que contradizem a isto, no entanto só o fazem por ordens do homem. Se suspensos os comandos, tudo retorna às origens primárias.

Comunicam-se entre si, muito mais do que nossos pequenos conhecimentos, sendo que sua liberdade restringe-se apenas à vida material.

Desligado de seu corpo carnal, sua espécie de alma vivente não lhe permite escolher suas provas e expiações,

pois que não existem. Os Espíritos têm a incumbência de sua quase imediata reencarnação.

Desconhecendo a Deus, coloca o homem nesse papel, na mesma medida do homem a Deus, tal sua admiração.

Conhecemos muito pouco sobre o assunto, no entanto, cabe-nos o respeito pela cadeia de leis gerais que se harmonizam no Universo, aceitando os animais com o respeito que Deus tem conosco, recebendo seu carinho, doando-lhe total compreensão.

Cumpre-nos ainda salientar que muitas das vezes, o amor dedicado a um animal não passa da aceitação de nosso orgulho, e passamos a ter em nosso lar um ser que nos é fiel, dedicado, que jamais irá transgredir nossas ordens, atendendo-nos a todas as vontades. Nada contra tal dedicação, mas seria muito enriquecedor que esse mesmo amor, fosse dividido com o próximo, com a mesma intensidade que os animais nos dedicam.

Entendemos que Kardec, nessa magnífica lição, dá fim ao ledro engano de que somos originários dos macacos. Parecidos sim, pelos instintos selvagens que ainda são tão latentes em nosso íntimo, bastando uma pequena oportunidade para que nossas garras fiquem expostas.

Vale no entanto a poesia que Deus nos concede através dos animais. Como viver sem a beleza dos pássaros? O olhar tão amoroso de um cão? As carícias de um gato? Os que enfeitam nossas matas?

Jesus, obrigada por nossa visão e sentimentos tão nobres.

Vanda

Material Consultado: O Livro dos Espíritos - Allan Kardec
IDE - 1974

Contos

CONTOS

O Coelhinho desobediente

Existia uma floresta muito grande.

Havia árvores enormes, flores das mais variadas cores, um grande rio onde os animais iam se banhar e beber a água limpa que corria.

Muitos pássaros aproveitavam os galhos das árvores para descansarem e comerem os frutos que elas ofereciam.

Nesta floresta, as famílias dos animais viviam pacificamente, respeitando as outras famílias e cuidando dos seus filhotes.

A mamãe tucano cuidava dos seus filhinhos, os tucaninhos, com muito carinho enquanto o papai tucano ia buscar sementes para alimentá-los.

O papai urso ia longe buscar peixes para matar a fome dos ursinhos.

Os porquinhos-do-mato ficavam esperando as espigas de milho que os seus papais traziam para a refeição.

A vida na floresta era muito boa. Havia muita harmonia entre os bichos. Mas nem todos os bichos eram bondosos.

Existiam os lobos que assustavam a todos. Quando eles apareciam, todos se escondiam de medo.

A família dos coelhos morava em uma toca, no pé de uma grande e bonita árvore. Lá vivia o Senhor Coelho, a Dona Coelha e o coelhinho, que era filho deles.

O Senhor Coelho saía todos os dias para procurar cenouras para alimentá-los. A Dona Coelha, de vez em quando, saía para ajudá-lo.

Certo dia, a Dona Coelha ia sair com o Senhor Coelho para procurar comida e precisava deixar o coelhinho sozinho em casa. Antes de sair falou para ele:

— A mamãe precisa sair para ajudar o papai a encontrar cenouras para você comer e crescer forte. Você já está crescendo e pode ficar sozinho, mas quero que preste atenção. Não vá brincar longe de casa, fique perto de nossa toca porque na floresta há muitos perigos que você não conhece.

E saíram os dois, o Senhor Coelho e a Dona Coelha, à procura de cenouras.

O coelhinho, ao ver-se sozinho, abriu a porta da toca e ficou admirando a beleza da floresta. Via o colorido dos pássaros, o Sol que iluminava tudo, as flores que pareciam um tapete colorido e pensou:

— Como será o outro lado da floresta? Eu ouvi dizer que as árvores são mais bonitas e a grama mais verdinha e macia.

Pensando assim ele teve vontade de conhecer novos lugares, mas lembrou-se de sua mãe dizendo para não sair do quintal da toca. Falou para si mesmo:

— A mamãe disse isto para me assustar. Preciso conhecer as coisas que o mundo oferece.

Pensando assim, começou a andar pela floresta admirando cada coisa nova que aparecia.

Viu novas árvores, maiores que aquela em que moravam, flores mais coloridas e mais cheirosas, animais com pêlos macios e exuberantes. Por onde passava cumprimentava os animais como fazia com seus vizinhos, mas ninguém respondia porque não o conhecia.

Andou por várias horas até que não sabia mais onde estava e não sabia como voltar para casa. Começou a anoitecer e a escuridão começou a cobrir a floresta. Pensava em como a sua mãe estaria brava por ter desobedecido.

De repente ele ouviu barulhos estranhos e viu todos os animais correndo para suas casas. Eram os lobos que começaram a andar na floresta, caçando os animais menores.

O coelhinho achou um cantinho, perto de uma grande pedra e se escondeu, ficando tremendo de medo.

Pensava:

— Eu quero voltar para minha casa, estou com saudades do meu pai e da minha mãe. Estou com frio e fome e, a esta hora eles já chegaram em casa e devem estar preocupados.

E era isso mesmo que estava acontecendo.

O Senhor Coelho e a Dona Coelha, quando chegaram trazendo umas poucas cenouras, procuraram pela casa toda e não encontraram o seu filhinho, saíram pelas redondezas da toca, aflitos e preocupados, perguntando para todos os animais se o haviam visto.

Já era tarde da noite. A escuridão era muito grande, fazia muito frio, mas todos os bichos quiseram ajudar.

Procuravam em todos os lugares, mas ficava difícil porque estava muito escuro.

De repente, a Dona Abelha, que estava ajudando, teve

uma idéia:

— Vamos pedir ajuda para a Dona Coruja. Ela enxerga melhor no escuro e pode voar. Lá de cima ela terá melhor visão.

A Dona Coelha chamou a Dona Coruja que morava numa toca de árvore. Esta saiu logo voando à procura do coelhinho.

Depois de muito voar, Dona Coruja avistou o coelhinho.

Voltou e avisou a Dona Coelha onde estava o coelhinho.

O Senhor Coelho e a Dona Coelha foram ligeiros até o local indicado. Foram com cuidado, porque os lobos ainda estavam por perto. Quando chegaram lá, encontraram o coelhinho tremendo de frio e de medo, encolhido no cantinho da pedra.

A Dona Coelha, chorando de alegria, abraçou e beijou o coelhinho com muito amor, dizendo:

— Graças a Deus você está bem e eu te encontrei!

Chegando em casa, logo após agradecer a todos os bichos que ajudaram, a Dona Coelha e o Sr. Coelho falaram para o coelhinho:

— Filhinho, você viu quanta preocupação e quanto perigo por causa de sua desobediência? Ainda bem que não aconteceu de um lobo te encontrar. Se isso acontecesse não saberíamos como te salvar! Não se afaste de nossa casa. Ela é simples, mas tem o amor que nós damos para você. O resto da floresta é muito mais bonito, mas lá não há a proteção e o carinho daqueles que só querem o seu bem.

O coelhinho, chorando envergonhado pela desobediência e pelo sofrimento causado aos seus pais, falou:

— Perdoem-me, papai e mamãe, eu achava que a vida fora daqui era mais alegre e melhor, mas vi que estava enganado. Aqui eu tenho o amor de vocês e agora eu sei que tudo o que vocês fazem e falam é para o meu bem. Eu prometo que nunca mais desobedecerei a vocês.

Disse Dona Coelha:

— Nós te perdoamos, mas vamos orar para Deus e agradecer pela proteção que Ele ofereceu.

E a família de coelhos, que passou tanta preocupação e tanto sofrimento, orou em agradecimento a Deus, sentindo nesse instante uma paz imensa no coração.

Vitório

Desenho: Adriana

VISITE NOSSO SITE

www.espiritismoeluz.org.br

Você poderá obter informações sobre o Espiritismo, encontrar matérias sobre a Doutrina e tirar dúvidas sobre Espiritismo por e-mail. Poderá também comprar livros espíritas e ler o Seareiro eletrônico.



Crianças

No mês de outubro, mais precisamente no dia 12, comemoraremos o Dia das Crianças.

Uma criança nos traz sempre uma alegria pela simplicidade com que ela atua e fala dos problemas mais graves. Com um sorriso infantil os pais, cansados de um dia de trabalho estafante, ganham a sua maior recompensa.

O abraço apertado de uma criança nos reacende a vontade e a confiança para continuarmos a acreditar que o mundo, no futuro, poderá ser muito melhor.

Mas para este mundo tornar-se melhor, com menos violência e mais paz, precisamos começar a cuidar destas crianças com mais amor e atenção.

Precisamos oferecer para a criança uma ferramenta boa para que ela possa ter como trabalhar no futuro para a sua própria evolução.

A ferramenta que podemos oferecer é acender a fé em Deus nos corações pequeninos, que mais parecem terra arada esperando a semente para poder germinar e dar bons frutos.

Semeemos nestes corações a moral cristã, frisando que o respeito ao próximo é antídoto do sofrimento, que o perdão é vacina contra vinganças e que, principalmente a caridade é a única porta para a salvação.

Se evangelizarmos a criança que está sob a nossa guarda, além de podermos dizer que cumprimos o nosso dever moral, teremos a grande felicidade de vê-la, quando na fase adulta, lutando contra os revezes da vida com o coração alicerçado em uma fé pura e confiante no amparo de Deus.

Deixemos de lado os mimos materiais que tanto

embaçam a mente de nossas crianças, criando um mundo de ilusões que não existe e ofereçamos a elas o bom exemplo, os avisos e as correções, tudo na hora oportuna, que é agora. Não deixemos para o futuro o que Deus nos pede para realizar já.



Converse com a criança que está sob a sua tutela hoje sobre quem foi Jesus, que devemos ser bons, que devemos respeitar as pessoas, etc. Não fique com vergonha ou inibido de tocar num assunto tão importante para o futuro da criança e, se não souber o que falar, recorra aos livros espíritas infantis que tanto têm ajudado os pais previdentes.

Leia uma destas histórias que foram escritas pensando no

coração das crianças, pergunte e comente com ela o que houve de entendimento.

Deixemos esta herança valiosa para os nossos filhos: a fé raciocinada e alicerçada na Verdade de Jesus.

Lembramos um grave aviso deixado por Emmanuel em uma mensagem psicografada por Francisco Cândido Xavier:

“A vadiagem na rua fabrica delinqüentes que acabam situados no cárcere ou no hospício, mas o relaxamento espiritual no reduto doméstico gera demônios sociais de perversidade e loucura que em muitas ocasiões, amparados pelo dinheiro ou pelos postos de evidência, atravessam largas faixas do século, espalhando miséria e sofrimento, sombra e ruína, com deplorável impunidade à frente da justiça terrestre.”

Que Deus, Jesus e os amigos espirituais fortaleçam o coração dos pais.

Wilson

Atualidade

ATUALIDADE

Desemprego

Vivemos momentos de muito constrangimento pelo desemprego registrado no orbe terrestre.

Bem sabemos que são os registros da ausência do respeito às nossas vocações profissionais nesta ou em vidas anteriores, mas não podemos deixar de recebê-lo como uma nova oportunidade à prática do bem.

Só quem já experimentou o desemprego poderá avaliar os momentos tão difíceis. A desestruturação é por inteiro,

tendo chefes de família bebendo desmedidamente, brigas familiares e, nos casos mais graves, separações de casais.

Também nossos jovens sofrem angústias nesse período.

Apesar de muitas das vezes não terem o fardo do sustento da família, têm seus sonhos estagnados. Buscam completar seus vazios em atitudes fúteis e, quiçá, se envolvendo com os menos felizes, executando tarefas remuneradas, em atitudes que marcarão seus futuros tão penosamente (tráfico de

drogas, de seus corpos, etc.)

Emmanuel lembra-nos sobre os dias de “inverno ríspido” (Caminho, Verdade e Vida, lição 83), que infalivelmente farão parte de nossas existências e convida-nos incansavelmente à prática do Evangelho no Lar, ao conhecimento dos ensinamentos de Jesus e às orações sinceras.

Perseverando no caminho do bem, reunindo a família sempre para a conversa sobre os ensinamentos de Jesus e não perdendo a esperança e a fé, conseguimos passar por estes momentos difíceis, construindo para o futuro menos sofrimento.

Devemos agir desse modo para que as bênçãos cheguem aos nossos corações, transformando nossas angústias em fortalecimento.

Lembremos, também, que Jesus nos oferece trabalho

sempre, através de tantas instituições de caridade que necessitam de pessoas que disponham de tempo para auxiliar em inúmeras tarefas.

Pense no sorriso de uma criança ao receber seu carinho, num doente tendo um ouvido a seu favor, um velhinho usando seu ombro como apoio para dar passos tão difíceis e tantos outros que com certeza somos plenamente capacitados a executar.

Ah! Remuneração!/? Serão bênçãos tão magnânimas. Experimente. Junte seus familiares e amigos para conhecerem tão alto salário ou vá sozinho e Jesus aliviará seu coração de tão pesadas angústias.

Deus nos ampara sempre, só devemos perceber como este amparo se apresenta.

Vanda

Em “E a Vida Continua...”

“Por suas indagações, a autoridade do instituto identificará a sua posição no conhecimento e, por suas respostas, saberá o montante de suas necessidades.” (Livro “E a vida continua” - Capítulo 10)

Eis a ciência de ouvir, para ajudar.

Amiúde, no trato cotidiano com as criaturas que nos cercam, ficamos vivamente impressionados com a coletânea de informações que elas nos fornecem espontaneamente, no desenvolvimento do diálogo, ou em resposta às várias inquirições ou contestações que lhes apresentemos.

As idéias articuladas comandam nossas relações.

São esses estímulos que precipitam a reação de nossa emotividade, revelando-nos ora sumamente gratos aos que nos dirigem a palavra, ora dolorosamente destrambelhados com os que catalogamos por injuriadores e ofensores de nossa sensibilidade.

Vale, contudo, reconsiderar o verbo.

O brado de revolta é pedido de socorro.

É um S.O.S. da própria alma, no instante preciso de seu naufrágio, chocando-se contra recifes do desequilíbrio, requerendo que a nossa serenidade se transforme em salvavidas oportuno.

A palavra de malícia é confissão de loucura.

Mesmo quando desorpe lábios que sorriem, emoldurados por olhos que rebrilham, são mensagens emitidas pela onda da obsessão, transmitidas por obsidiados de variados matizes, necessitando o esforço da oração silenciosa a seu favor.

A dramatização dos próprios ais é enfermidade grave.

Nascendo em almas que elevam ao clímax suas pequenas mazelas, são produto de criatura seriamente minada em sua harmonia interior, que logo mais encontrará o estilete da dor, a fim de retornar ao seu equilíbrio, caso não aceite o concurso do trabalho no campo do amor ao próximo.

A prolixidade é grave distúrbio do coração.

Essa sensação de insegurança, acobertada por um rio de palavras, denuncia os que estão sob a hipnose da fantasia, movendo-se no panorama do egoísmo, disputando ardentemente a atenção do mundo para si mesmos, desocupados ainda da lei da fraternidade, do amor legítimo,

da renúncia santificante, do valor exato de nossa pequenez.

Frases de pessimismo revelam cálculos cerebrais.

A atmosfera de negação e desalento, que espriam com o azedume cuidadosamente cultivado, é sintoma que permite diagnosticar que está ocorrendo séria obstrução nos condutos do raciocínio, ilhando os infelizes em douradas exteriorizações do orgulho, em franca confinação de virtudes espirituais sublimes.

Falar, todos falamos.

Urgente é, porém, saber distinguir não o que a criatura está dizendo. Por trás de suas palavras oculta-se um quadro de necessidade em definição, o montante de suas necessidades espirituais que, desvendadas por nós, servirá para que tracemos o seu roteiro regenerativo.

Os nossos Mentores sabem ouvir-nos.

Recolhem as nossas proposições, as nossas promessas de fidelidade, as nossas afirmações de trabalho, os nossos pedidos de esclarecimentos, o nosso parlatório sobre a Doutrina, as nossas plataformas de burilamento íntimo e pessoal. Mas, não nos atendem exatamente no que externamos e sim no que temos necessidade, porque só raramente o nosso anseio corresponde à nossa efetiva carência espiritual.

Na realidade, diariamente manipulamos milhares de palavras, em frases que ressoam nas mais diferentes tonalidades, sem chegar a definir a nossa efetiva posição mental.

No capítulo das indagações, porém, o panorama é outro.

Mesmo quando trazemos títulos nobilitantes, conferidos pelos nossos Institutos de Cultura Superior, na consagração de uma profissão respeitável, raramente sabemos articular indagações com equilíbrio.

Poucos os que se indagaram:

— Quem sou, afinal?

Difícil fazermos esta indagação, porque em geral nos colocamos na posição de quem está mais interessado em saber quem são os outros do mundo, despreocupados, nós mesmos, em definir o nosso legítimo papel no grande drama universal da Evolução,

Talvez nunca tenhamos inquirido:

— De onde vim?

O mais comum é estarmos consagrando o berço que nos acolheu como a estação inicial de nossa existência, atribuindo, na moderna psicanálise, todos os desníveis de nosso caráter aos pais que nos albergaram em seu ninho de afeto ou aos parentes que nos suportaram as impertinências infantis ou aos companheiros que se sacrificaram, garantindo-nos a continuidade da existência.

Não nos ocupamos com a vida, antes do lar.

E poucos já se perguntaram:

— Para onde irei?

Embora a morte seja um fenômeno contínuo e dia a dia vejamos amigos e parentes nos portais do "até breve", o cemitério não nos parece um hotel destinado à hospedagem de nosso próprio implemento físico. Falamos da morte qual se jamais fôssemos experimentá-la e, por isso, edificamos a nossa vida qual se fôssemos imortalizar-nos no corpo de que nos servimos, senhores das propriedades que amealhamos.

As indagações, com as quais buscamos tão somente afirmações de nosso próprio pensamento, endosso de nossas preferências, são, no fundo, meros jogos de informações, à semelhança das "negações afirmativas" usuais em nossa linguagem.

A pobreza de nossas inquirições reflete o pauperismo de

nossa personalidade, que, quase sempre, rebrilha com o falso fulgor das demonstrações de nossa cultura e, só escassamente, se externa com alguma sabedoria, fruto do amadurecimento de nosso senso moral.

Não há nenhum curso para aprender a perguntar.

Sócrates, mestre na arte de levar o homem à dúvida, a fim de que examinando o Bem a criatura se agigantasse moral e intelectualmente, liberando-se de fábulas e falsidades, transmitia, com o mesmo dinamismo da Doutrina Espiritocristã, ricas noções, assistemáticas, a fim de que os discípulos amadurecessem pelo esforço próprio.

Somos pobres de indagações sensatas.

Quem, pois, está a campo para ajudar, aprenderá a ouvir.

Ouvir indagações e ouvir informações.

André Luiz, numa sabedoria que precede ao estágio de nossos conhecimentos, verte um mundo inteiramente novo, a solicitar muita reflexão, nessa frase recolhida no seu "E a Vida Continua ...", psicografia de nosso Chico Xavier. Por ela e com ela, poderemos reordenar os extensos departamentos de nossa alma, admitindo que, falando, externamos necessidades; indagando, revelamos o que se incorporou em nossa personalidade, imprimindo-lhe o sentido de avanço, do ir além, de não estacionar.

Roque Jacintho

Canal Aberto

CANAL

ABERTO

Este espaço é reservado para respondermos às dúvidas que nos são enviadas e para publicações dos leitores.

O Senhor e o Sapo

Beatriz me pediu para que lhe contasse uma história. Surpreendido, fiquei sem saber que história contar. Mas, com a insistência da linda menina o jeito mesmo foi inventar uma.

— Em um belo dia enquanto meditava, o Senhor ouvia amorosamente cada filho que no céu ia chegando. A maioria se apresentava entristecida pelo pouco empenho em benefício do próximo. Mesmo assim o Senhor continuava sorrindo, pois sabia não havia os criado em vão.

Depois de ouvir suas histórias e justificativas notou que lá no cantinho estava um sapo bem mais entristecido que os demais. Olhando para ele, o Senhor falou amavelmente:

— E você meu filho, por que sua tristeza é maior que as dos outros?

— É que eu sou tão feio Senhor.

— Mas quem disse que você é feio? Você é tão bonito quanto o macaco.

— Mas logo o macaco, Senhor?

— Por que? Tem algo contra?

— Não, Senhor, mas é que ele só vive fazendo caretas.

— Mas é assim mesmo, meu filho, o que tem de mais?

Cada um faz o que pode.

Com aquela resposta o sapo pulou para um lado, pulou para o outro e disse sorrindo:

— É, pensando bem, sabe que o Senhor está certo? Se cada um faz o que pode, eu também posso e vou fazer muito mais, ao invés de ficar só pulando, pulando e me achando

feio!

Quando terminei a história, Beatriz sorriu e me beijou dizendo:

— Puxa! Que legal, tio!

— Pois é meu bem, há pessoas que se acham incapazes e se entregam à inutilidade sem ao menos se dar a chance de tentar. O exercício do amor, se empregado todos os dias com perseverança, nos torna grandes ainda que a nossa ação seja pequena.

Texto enviado pelo Sr. Benjamim Chagas de Omena - AL

Clube do Livro Espírita "Joaquim Alves (Jô)"



Informe-se através:

Caixa Postal 42 - CEP 09910-970

Diadema - SP

(11) 4044-5889 (com Eloísa)

E-mail: contato@espiritismoeluz.org.br

www.espiritismoeluz.org.br

Receba mensalmente obras selecionadas de conformidade com os ensinamentos espíritas.

De quem seria?

Afinal, meus irmãos, de quem seria o crime?
Daquele, cujo o braço impôs a morte
Ao Coração de Alguém?
Ou desse mesmo coração caído
Que inerte e mudo agora se mantém?
A quem se atiraria a mancha em rosto?
À vítima tombada? Ao verdugo suposto?
Ou será que outro alguém
É o verdadeiro autor dessa agonia alheia,
Escondido na sombra,
À feição de uma aranha em sua própria teia?

Compreendido, porém,
Que o crime sempre nasce
De uma idéia feroz,
Quem teria pensado nele, antes?
Os outros? Talvez nós?

Quem lhe teria dado a forma de começo
Na roupagem de alguma frase louca?
O inimigo, o vizinho, o companheiro
Ou nós mesmos com a nossa própria boca?

De permeio à incerteza e à insegurança,
Sem que se saiba, ao certo, onde a culpa é nascida,
Transformemos o amor numa fonte perene
Que dissipe na Terra as angústias da vida.
E se alguém surge em falta,
Recordemos Jesus, onde a censura medra:
— Aquele que estiver sem sombra de pecado,
Lance a primeira pedra.

Manoel Monteiro

Psicografia de Francisco Cândido Xavier pelo espírito de Manoel Monteiro - Livro "Correio Fraternal" - FEB - 1ª edição

De longa data traz o ser humano os instintos primitivos de personalismo. As feras adormecidas rugem ferozes ao se sentirem atacadas. Essas feras vivem dentro dos seres humanos e despertam toda vez que uma delas chamada egoísmo vê-se atacada. Aliada a outra cujo o nome é orgulho, formam o rugir da defesa para encontrarem o culpado.

Essas situações assemelham-se ao dia-a-dia, diante dos acontecimentos cotidianos, seja nos lares em confronto com

os familiares, nas ruas ou nos locais do ganha-pão ou profissional.

E o que citarmos então, diante das tarefas cristãs? Essas sim, precisam ser bem definidas dentro de cada participante para que as lições do Evangelho não fiquem circunscritas apenas aos comentários exteriores. É preciso colocar o Evangelho na prática.

Muitas são as situações vividas nos agrupamentos espíritas, onde a prepotência e o autoritarismo de alguns integrantes minam a oportunidade de trabalho aos iniciantes nos serviços doutrinários por julgarem neles a falta de capacidade para determinadas tarefas.

Por vezes, essas criaturas, ainda presas no egoísmo possessivo de suas más ações, não param para ver o prejuízo causado a esses semelhantes, matando a vontade desses seres de se tornarem úteis na vida. Não conseguem parar, para sentir-lhes a agonia presente e chegam-se a esquecer que a luz de Deus, brilha principalmente onde haja escuridade.

Por maiores sejam os crimes que venham abalar a opinião pública, há que se levar em consideração que esse alguém nasceu de um pai e de um coração materno, que o aconchegou durante nove meses em suas entranhas. Portanto, quem poderá condenar e se tornar juiz em sentenciar provações, dores, sem buscar entender o íntimo desarvorado, de quem pratica atos considerados cruéis?

Mas a Lei de Deus faz surgir sobre a Terra a instituição do lar.

E nesse cadinho, através da reencarnação, o "Lar Escola", será o local ideal, para que possam se dissolver as lamas das delinquências na fonte sublime, das lágrimas maternas, purificando as almas devedoras, para melhorias corretivas pelos elos reencarnatórios, sejam como for, doam a quem doer.

Atentos pois, aos chamamentos divinos, não apontemos culpados, porque erros todos os temos e se levantarmos as mãos para atirar pedras, tenhamos certeza de que um dia elas serão lançadas contra quem as atirou.

"Aquele que estiver sem sombra de pecado, lance a primeira pedra." (Jesus)

Elielce

Tema Livre

TEMA LIVRE

O Evangelho, a oração e o lar

Diante de todas as dificuldades e problemas que possamos encontrar em nossa jornada evolutiva, se consultássemos aqueles que já adquiriram um conhecimento

maior a respeito da vida e, que estão procurando vivenciar a lei do Amor, decerto eles iriam nos sugerir como ponto de partida para a solução desses nossos problemas a oração e,

nós, que ainda nos encontramos arraigados às nossas sensações grosseiras e materiais, duvidaríamos dessa sábia orientação e sublime instrumento que está à nossa disposição em todos os momentos e menosprezaríamos assim o Amparo Divino e iríamos em busca de soluções miraculosas ou melhor fantasiosas e depois acabaríamos por nos desiludirmos.

Quando falamos em oração, não estamos nos referindo àqueles petítórios descabidos de toda ordem que trazemos de nossos vícios milenares, nem na repetição automática de palavras, nem de gestos ritualistas mecanizados onde o nosso comportamento é totalmente adverso àquilo que falamos ou pensamos por alguns momentos.

A oração está ligada diretamente à fé e, como não temos a fé verdadeira, então duvidamos. A oração é tão importante em nossas vidas que a Espiritualidade Superior designou dois capítulos completos a respeito do assunto no Evangelho Segundo O Espiritismo para o nosso aprimoramento e ainda assim não cultivamos o hábito da oração.

Mateus narra no Evangelho capítulo 6, versículos de 5 a 8 as seguintes palavras:

“E, quando orares, não sejas como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto. E teu Pai, que te vê secretamente, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não te assemelhes a eles, porque o vosso Pai sabe o que te é necessário, antes de lho pedires.” (Livro “O Evangelho segundo O Espiritismo” - tradução de Roque Jacintho sobre o original francês do L’Évangile selon le Spiritisme - Allan Kardec).

André Luiz ressalta em todos os seus livros inúmeros benefícios que a oração ou a prece nos traz; vale dizer, porém que ele não relata todos os benefícios, mas aqueles que podemos compreender para entendermos um dos pontos de vista sobre a oração. No livro “Missionários Da Luz”, o orientador, denominado Alexandre, faz as seguintes colocações: *“A oração é o mais eficiente antídoto do vampirismo. A prece não é o movimento mecânico dos lábios, nem disco de fácil repetição no aparelho da mente. É vibração, energia, poder. A criatura que ora, mobilizando as próprias forças, realiza trabalhos de inexprimível significação. Semelhante estado psíquico descortina forças ignoradas, revela a nossa origem divina e coloca-nos em contato com as fontes superiores. Dentro dessa realização o Espírito, em qualquer forma, pode emitir raios¹ de espantoso poder. Em cada segundo, André, cada um de nós recebe trilhões de raios de várias ordens e emitimos forças que nos são peculiares e que vão atuar no plano da vida, por vezes em regiões muitíssimo afastadas de nós. Nesse círculo*

de permuta incessante, os raios divinos expedidos pela oração santificadora, convertem-se em fatores adiantados de cooperação eficiente e definitiva na cura do corpo, na renovação da alma e iluminação da consciência. Toda prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante e toda criatura que cultiva a oração, com o devido equilíbrio do sentimento, transforma-se, gradativamente, em foco irradiante de energias da Divindade.”

Para exemplificar esses ensinamentos, passamos abaixo um trecho do aprendizado de André Luiz no mesmo livro:

“Após separar-se da genitora e da irmã, dispôs-se o rapaz a tomar o caminho da residência que lhe era próprio. Seguimo-lo de perto. Doía-me identificar-lhe a posição de vítima, cercado pelas formas escuras.

Entendendo-me a estranheza, Alexandre indicou o rapaz que se dispunha a penetrar o reduto doméstico, depois de pequeno percurso a pé.

Curioso, observei que as entidades infelizes mostravam-se, agora contrafeitas. Alguma coisa impedia-lhes acompanhar a vítima ao interior.

— Naturalmente - acentuou meu generoso companheiro você já sabe que a prece traça fronteiras vibratórias.

Sim, já observara experiências dessa ordem.

— Aqui - prosseguiu ele - reside uma irmã que tem a felicidade de cultivar a oração fervorosa e reta.

— O lar - disse - não é somente a moradia dos corpos, mas, acima de tudo, a residência das almas. O santuário doméstico que encontre criaturas amantes da oração e dos sentimentos elevados converte-se em campo das mais belas florações e colheitas espirituais. Nosso amigo não se equilibrava ainda nas bases legítimas da vida, depois de extremas vacilações e levianas experiências da primeira juventude; no entanto, sua companheira, mulher jovem e cristã, garante-lhe a casa tranqüila, com a sua presença, pela abundante e permanente emissão de forças purificadoras e luminosas, de que o seu Espírito se nutre.”

Como podemos observar os ensinamentos são bastante claros e, não necessitamos neste momento nos alongarmos no assunto. Para aqueles que desejam melhorar seu conhecimento e modificar-se moralmente voltamos a lembrar, o livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” é o nosso roteiro e as demais obras verdadeiramente espíritas desdobram os ensinamentos do Evangelho e da Codificação de Kardec. Estudemos e pratiquemos.

Roberto Cunha

¹ Nota: raios serão Luzes quando tiver em sua origem a expressão do Amor puro exemplificado pelo Cristo Jesus e serão elementos magnéticos deletérios quando se originarem na expressão de ódio, vingança e todos os vícios morais inferiores.

Material consultado: Livro Missionários da Luz - Francisco Cândido Xavier / André Luiz; O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - Tradução Roque Jacintho - Editora Luz no Lar

Núcleo de Estudos Espíritas “Amor e Esperança”

Reuniões: 2ª, 4ª e 5ª às 20 horas
3ª e 6ª às 15 horas

Evangelização Infantil: ocorre em conjunto às reuniões

Tratamento Espiritual: 2ª às 19h45

Domingo às 10 horas

Rua das Turmalinas, 56 / 58

4ª às 19h45

6ª às 14h45

Artesanato: Sábado das 9 às 16 horas

Jardim Donini - Diadema - SP

Atendimento às Gestantes: 2ª às 15 horas



Fernando do Ó *Marta*

Fernando do Ó
Editora FEB - 11ª edição
192 páginas

Marta

Romance espírita de agradável leitura, auxilia aqueles que se iniciam no estudo da doutrina a compreenderem mais facilmente os ensinamentos e as Leis Divinas.

Marta, assim como tantas criaturas na Terra, opta, por meio de seu livre arbítrio, a se deixar levar pelas paixões da carne e sofre as conseqüências que decorrem da sua escolha.

Os personagens, ligados por elos do passado, se

reencontram para resgate de suas dívidas e compromissos assumidos numa trama que bem poderia ser a de nossas vidas.

Lembra-nos que todos temos compromissos assumidos no pretérito e que o reencontro é a oportunidade concedida

pela Misericórdia Divina para tentarmos saldar, ainda que aos poucos, nossas dívidas e nos libertarmos das algemas.

O romance bem ilustra essa cadeia de reencontros e de que o enredo da história de nossas vidas será o reflexo das nossas escolhas. No romance, embora todos façam parte de vidas passadas em comum, nada impede que sublimem seus sentimentos, substituindo o que poderia ser mágoa, ressentimento ou ódio por caridade e perdão.

Quando lemos ou assistimos a uma estória, por termos uma visão ampla da trama, costumamos vibrar para que as coisas dêem certo e que os personagens façam as escolhas acertadas. Será que conosco a espiritualidade Superior não age da mesma maneira?

E lembrando...

Para receber mensalmente um livro como estes enfocados nesta coluna, basta se associar ao Clube do Livro Espírita "Joaquim Alves (Jô)" através do "e-mail", telefone ou endereço indicados nesta Revista.

Boa Leitura!

Marcelo e Rosângela

Sonhos

SONHOS

Duração do sono para os sonhos e eficácia da prece

Só sonhamos se dormirmos profundamente? Não. Os nossos sonhos se sucedem à medida em que o nosso corpo físico entra em estado de torpor. Isso explica o porquê de, às vezes, quando em estado de apenas sonolência, vemos imagens ou participarmos de situações como nos sonhos, ainda que por segundos, e despertarmos com um susto, com a sensação de que iríamos cair. Porque basta a dormência dos sentidos físicos para que o espírito adquira maior liberdade e, assim, entremos em contato com o mundo espiritual nos envolvendo nos chamados "sonhos". Portanto, podemos sonhar sempre que desprendidos parcialmente da nossa matéria carnal, e isso tanto pode ocorrer durante um repouso longo, como num curto, por exemplo, no ônibus durante o percurso do trabalho para casa.

Quando estamos cochilando, o nosso corpo repousa e mesmo nestes curtos instantes podemos sonhar. Isto se dá porque o nosso espírito não precisa descansar e aproveita o momento para despertar suas faculdades e recompor suas energias entre os outros espíritos que vai encontrar, ou, dependendo de sua inclinação, procura a companhia de seus afins, para liberar suas más tendências.

Por isso é que se faz muito importante cultivarmos o

pensamento limpo, sempre voltado a Deus, ter bons sentimentos e procurar fazer o bem.

Devemos fazer uma prece sempre ao dormir, mas também recorrer sempre à oração nos momentos em que sentirmos que o sono vai dominar o nosso corpo, em qualquer situação, seja no ônibus ou em frente ao televisor, para que estejamos nos preparando ao encontro dos Espíritos amigos, aqueles que realmente nos querem o bem e nos darão conselhos e orientações salutares para a nossa vida terrena.

Seja qual for o tempo de repouso físico e conseqüente liberdade do espírito, a prece nos auxiliará ao encontro dos bons Espíritos, para que tenhamos boas intuições ao acordar.

Assim como o sono pode chegar sem avisar, a chamada "morte" também. E quando as nossas forças físicas se extingüirem completamente e o nosso espírito se libertar de forma total para o mundo espiritual, que possa nos encontrar de consciência tranqüila, sem temores, medos e culpas. O sono é como um ensaio da morte física.

Oremos para que tanto o período de repouso físico (curto ou longo) quanto o desenlace total do corpo, sejam benéficos e não se transformem em verdadeiros pesadelos.

"Eu vou estar, em Espírito, por alguns instantes entre

outros Espíritos. Que aqueles que são bons venham me ajudar com os seus conselhos. Meu Espírito Protetor, fazei que, ao acordar, eu possa conservar uma impressão durável e salutar desse encontro.” Prece extraída do Capítulo XXVIII - Item

38, de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Allan Kardec, tradução de Roque Jacintho, Editora Luz no Lar.

Rosangela



Banca de Livros Espíritas “Joaquim Alves (Jô)”

Livros básicos da Doutrina Espírita.
Temos os 414 livros psicografados por Chico Xavier, romances de diversos autores, revistas e jornais espíritas. Distribuição permanente de edificantes mensagens.

Praça Presidente Castelo Branco
Centro - Diadema - SP
Telefone (11) 4043-4500 com Roberto
Horário de funcionamento: 8 às 19h30
Segunda-feira à Sábado

Calendário

CALENDÁRIO

Outubro

DIA 01

1995 - Realizado em Brasília (DF), o 1º Congresso Espírita Mundial, com a participação de 34 países: África do Sul, Angola, Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, EUA, França, Guatemala, Holanda, Honduras, Inglaterra, Itália, Japão, México, Nicarágua, Noruega, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, Portugal, República Dominicana, Suécia, Suíça, Trindade e Tobago, Uruguai e Venezuela.

DIA 03

1804 - Nasce em Lyon, França, o professor Denizard Hippolyte Léon Rivail, codificador da doutrina espírita. Autor de inúmeros livros de cultura, tradutor em várias línguas, membro de diversas Academias e Sociedades Culturais; mais tarde, adotou o pseudônimo de Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo.

DIA 09

1861 - Realizado o Auto-de-Fé, em Barcelona, Espanha. Ato inquisitorial da Igreja que queimou, em praça pública, cerca de 300 volumes de obras espíritas, enviadas por Allan Kardec ao seu amigo Maurice Lachâtre, livreiro. Este episódio ficou conhecido como o Auto da Fé de Barcelona.

DIA 11

1966 - Desencarna Pedro de Camargo, mais conhecido como Vinícius. Como escritor voltou-se, de forma especial, para a tarefa de evangelização.

DIA 15

Dia do Professor.

DIA 17

1747 - Desencarna Fabiano de Cristo (João Barbosa).
1949 - Desencarna Frédéric Chopin. Além de músico, possuía também os dotes medianímicos, via Espíritos, ouvia as magnificantes harmonias siderais e cântico extasiante entoado pelas almas resplandescentes de luz.

DIA 18

1921 - Nasce em Congonhas do Campo, MG, José Pedro de Freitas, apelidado de Zé Arigó. Tornou-se conhecido

internacionalmente, através de seus recursos mediúnicos, servindo de instrumento ao espírito Dr. Albert Fritz, a partir da segunda metade da década de 50.

DIA 19

1909 - Desencarna na Itália, César Lombroso, criminalista e observador espírita.

DIA 22

1908 - Desencarna Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo, conhecido por Artur Azevedo. Foi Diretor Geral de Contabilidade do Ministério da Viação, poeta, comediógrafo, jornalista e crítico. Membro e fundador da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira de Martins Pena. Após o seu desencarne, através do médium Francisco Cândido Xavier, sua obra poética continuou.

1922 - Nasce Meimei. Nas palavras do Espírito Emmanuel, Meimei “não é somente valorosa missionária do bem e da luz, em nosso círculo de ação, mas também devotada orientadora de crianças e que se desvela, no mundo espiritual, pela formação da mente infantil à claridade do Evangelho Redentor”. No dia 1/10/1946, Meimei retorna a Pátria Espiritual.

DIA 24

1944 - Desencarna Adelaide Augusta Câmara, conhecida pelo pseudônimo de Aura Celeste, médium de largos recursos e personagem de destaque no espiritismo nacional. Dedicou-se às crianças órfãs e aos idosos.

DIA 25

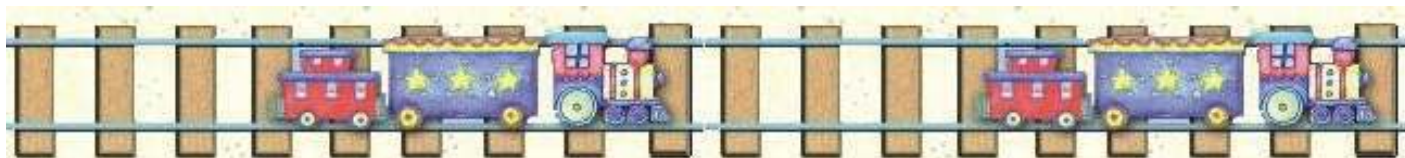
1886 - Nasce em Miritiba, MA, Humberto de Campos, escritor, deputado estadual, membro da Academia Brasileira de Letras (1920). Ditou diversas obras espíritas através do médium Chico Xavier, algumas com pseudônimo “Irmão X”.

DIA 26

1943 - Desencarna Luiz Olímpio Guillon Ribeiro, tradutor das obras de Kardec e de Roustaing. Foi presidente da FEB.

DIA 29

Dia Nacional do Livro.





Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança"
Caixa Postal 42
Diadema - SP
09910-970

Destinatário

IMPRESSO